

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XL
Volume II

O espírito da paz

D. JOSÉ POLICARPO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2019

O espírito da paz

D. JOSÉ POLICARPO†

INTRODUÇÃO

1. Portugal celebra, este ano, uma efeméride particularmente significativa, que marcou a nossa existência como povo no último século: o centenário da Implantação da República e, com ela, a mudança de regime que acarretou consigo toda uma nova compreensão da sociedade: na sua organização, nos valores que a inspiram, na compreensão da alma nacional. Sem menosprezar a evocação histórica, a celebração deste centenário tem de acentuar a compreensão do nosso presente e do futuro, numa reflexão profunda sobre a identidade espiritual e cultural do nosso povo, os caminhos da sua construção harmónica e do seu papel no mundo. E isso é hoje impossível sem considerar a nossa inserção na Europa, na nova Europa, em que estamos empenhados. Procurar o «espírito» da Europa é, também, buscar a «alma» de Portugal.

Aceito poder dar um contributo específico nesta reflexão sobre a Europa: a visão do pensamento da Igreja sobre a realidade da Europa e a sua empenhada colaboração na construção de uma nova Europa e do seu papel no progresso de toda a família humana. É um vasto Magistério dos dois últimos Papas e de dois Sínodos especiais sobre a Europa. Este Magistério está em unísono com a posição das principais Igrejas Ortodoxas, realidade nova e significativa, fruto do caminho percorrido no diálogo ecuménico e que é, em si mesmo, um sinal do caminho certo na construção de uma nova Europa. Eu próprio participei, em 2006, em Viena, no Encontro Europeu de Cultura Cristã, organizado pelo Pontifício Conselho para a Cultura e pelo Patriarcado de Moscovo, cujo tema é convergente com o título desta Conferência: «Dar uma alma à Europa, missão e responsabilidades das Igrejas.»

A IDENTIDADE DA EUROPA

2. Quando dizemos Europa, de que é que falamos? De um espaço geográfico ou de uma realidade cultural? O espaço geográfico é físico e inalterável, mesmo tendo em conta a dificuldade de o definir, sobretudo nas suas fronteiras com a Ásia. Mas o esforço secular para transformar esse espaço geográfico num espaço humano, matriz de civilização, convidou a definir a Europa mais como espaço cultural do que geográfico. O documento que saiu do segundo Sínodo especial sobre a Europa, di-lo claramente: «A Europa é qualificada, não tanto pelo espaço geográfico, mas sobretudo por um conceito prevalentemente cultural e histórico, que caracteriza uma realidade nascida como continente, também em virtude da força unificadora do cristianismo, que soube integrar em si povos e culturas diversas e está intimamente ligado a toda a cultura europeia»¹.

Mas a dimensão cultural não pode anular o espaço geográfico: é a sua alma. Walter Kasper confessa que encontrou num grande dicionário contemporâneo a seguinte definição de Europa: é uma península ocidental da Ásia que, devido ao seu papel histórico, é considerado um continente independente. E ao tentar definir «europeu», descreve longamente o clima, as plantas e os animais típicos da Europa, a paisagem, a população, a economia, as comunicações e a história. Reconhece a imensa diversidade e a dificuldade em lhe encontrar um denominador comum.²

Descrever a Europa como península ocidental da Ásia, lembra-nos a origem dos povos, línguas e culturas que, através de migrações, fizeram desta parte do Planeta um concentrado de realidades diversas, caldeadas com as vicissitudes da história. É curioso verificar que a Europa, ao longo da sua história, nunca perdeu a atracção pela Ásia, de Alexandre Magno a Vasco da Gama. Rematava esse dicionário que, perante tamanha variedade, era difícil encontrar um denominador comum. Esse é o desafio constitutivo da alma da Europa, **construir a unidade no respeito pela diversidade**.

¹ João Paulo II, «Ecclesia in Europa», n.º 108.

² Walter Kasper, «Ser cristià a l'Europa deis anys 90», in *Cristianisme i cultura a l'Europa dels anys 90*, Barcelona (1991), p. 14.

3. Quando, depois da Segunda Guerra Mundial, surge o dinamismo de unidade de alguns países europeus, a questão da Europa geográfica repõe-se inevitavelmente. Se repararmos, este dinamismo europeu, em que hoje estamos integrados, na própria designação que adopta, vai alargando o seu objectivo: Comunidade Europeia do Aço; Comunidade Económica Europeia; União Europeia. Esta última designação ousa fazer coincidir a Europa em busca de unidade, com o espaço dos países que já entraram nesse espaço. A reivindicação do espaço geográfico era inevitável. O Papa João Paulo II, oriundo de um país que então não integrava a União Europeia, eleva a voz em sua defesa: «a Europa não coincide com a CEE». «A Europa em que pensa o Papa é uma Europa total, considerada na sua globalidade, já não dividida em duas partes e reduzida apenas à sua parte ocidental. Nesta perspectiva, um primeiro elemento que permite precisar a identidade e a extensão é de carácter geográfico e geopolítico: é um elemento que convida a alargar o olhar para além de todas as fronteiras, naturais, nacionais e artificiais, para abraçar toda a Europa e todos os povos do continente, do Atlântico aos Urais, do Mar do Norte ao Mediterrâneo. Na sua amplitude e na sua capacidade evocativa, esta definição das fronteiras da Europa, tem valor de afirmação de princípio e mantém aberta a questão da unidade da Europa, para além das divisões políticas e ideológicas que a atravessam e, de facto, condicionam, ou condicionaram, os processos de unificação do continente europeu.»³

UNIDADE NA PLURALIDADE

4. Preocupação que atravessou toda a história do continente, continua a ser, na perspectiva da Igreja, dimensão essencial na construção da Europa e do futuro. Em discurso, no Palácio do Eliseu, dirigido ao Presidente da República francesa, Bento XVI afirma: «é importante promover uma unidade, que não pode, nem quer ser uma uniformidade, mas que é capaz de garantir o respeito pelas diferenças nacionais e pelas diversas tradições culturais que constituem uma riqueza na sintonia europeia, lembrando também, por outro lado, que a própria

³ Mario Spezzibottiani, in Giovanni Paolo II, *Profezia per l'Europa*, ed. Piemme (1999), p. 2.

identidade nacional só se realiza na abertura aos outros povos e através da solidariedade para com eles.»⁴

Esta determinação em contribuir para a construção, na Europa, da unidade na pluralidade, sempre fez parte da missão da Igreja. Aliás, trata-se de um desafio que ela enfrenta mesmo na sua vida intra-ecclesial, devido às diferenças culturais e às divisões internas que quebraram a sua unidade.

Ao longo da história, todos os grandes projectos para construir esta unidade, respeitando as diferenças, chocaram com uma característica cultural e espiritual, congénita à própria Europa, concebida como espaço geográfico: a convergência ou confronto com aquilo a que hoje designamos como ocidentalidade e orientabilidade. Já foi assim com o Império Romano que acabou, realisticamente, por aceitar dois impérios, do Ocidente, com capital em Roma, e do Oriente, com a capital em Constantinopla.

Com a queda do Império Romano do Ocidente, no início do século v, às mãos dos povos do Norte da Europa, que os romanos apelidavam de bárbaros, pareceu que esse objectivo da unidade estava definitivamente comprometido. O próprio Agostinho de Hipona deixa transparecer esse pessimismo. É então que a expansão do cristianismo e a evangelização desses povos fazem surgir uma nova esperança para a Europa. O cristianismo, que já tinha uma influência espiritual e cultural importante em todo o Império Romano, com a evangelização desses novos povos, lança as bases de uma nova unidade. Os Monges de São Bento na parte do continente, a norte das fronteiras do Império Romano do Ocidente, e São Cirilo e Metódio, nos povos eslavos, cristianizando a Europa, lançam as bases culturais e espirituais de uma nova unidade. Mas esse esforço evangelizador tem de integrar aquela especificidade de ocidentalidade e orientabilidade. A diferença e complementaridade entre a Igreja latina e as Igrejas orientais afirmaram-se e consolidaram-se na especificidade dos próprios ritos e na expressão cultural da própria fé. E como já tinha acontecido no próprio Império Romano, a tensão entre Roma e Constantinopla cresce e acaba em cisma de ruptura.

A Igreja do século XXI, ao querer contribuir para esta nova unidade na pluralidade, tem de integrar no seu contributo o permanente esforço ecuménico, ajudando a que as actuais tentativas da União Europeia não se reduzam à

⁴ Bento XVI, in *Insegnamenti*, vol. IV, 2 (2008), p. 268.

ocidentalidade. «É a consciência nítida do carácter imprescindível destas duas tradições no pensar do continente europeu que levou João Paulo II a proclamar São Cirilo e Metódio co-padroeiros da Europa, ao lado de São Bento. E é, ainda, a convicção firme que estas duas tradições, oriental e ocidental, devem harmonizar-se, no respeito recíproco, se querem contribuir para a construção de um futuro melhor. Por isso recorre, frequentemente, à metáfora dos dois pulmões de que a Europa vive, para exprimir a unidade e a identidade complexa que define o nosso continente.»⁵

A Igreja Ortodoxa Russa tem, a este respeito, uma posição idêntica. No já referido Colóquio de Viena, o Metropolita Cyrille de Smollensk e actual Patriarca de Moscovo, afirma: «Nós, representantes da Igreja Ortodoxa Russa, estamos inquietos com o futuro da Europa. A Rússia, apesar de ter uma cultura e uma consciência próprias, é uma parte inseparável da Europa, este fenómeno cultural e espiritual único que se formou ao longo dos séculos e que, hoje, sofre uma evolução fundamental». E a base da sua convicção, é que Constantinopla e Roma exerceram em conjunto uma influência importante na formação da cultura europeia contemporânea.⁶

A evangelização da Europa, a Oriente e no Ocidente, retoma a sabedoria clássica e constrói uma identidade cultural que acaba por ser o quadro cultural de identificação da Europa. O Papa Bento XVI resume-o assim: «Desde há muitos anos, a Europa tomou consciência da sua substancial unidade cultural, não obstante a constelação de culturas nacionais que modelaram o seu perfil. É bom sublinhá-lo: a Europa contemporânea, que se debruça sobre o terceiro milénio, é fruto de dois mil anos de civilização. Ela mergulha as suas raízes tanto no ingente e antigo património de Atenas e de Roma, como, e sobretudo, no fecundo terreno do cristianismo, que se revelou capaz de criar novos patrimónios culturais, embora tenha recebido a contribuição original de todas as civilizações. O novo humanismo, nascido da difusão da mensagem evangélica, exalta todos os elementos dignos da pessoa humana e da sua vocação transcendente, purificando-os das impurezas que ofuscam o autêntico rosto do homem, criado à imagem e semelhança de Deus. Assim, a Europa aparece-nos hoje como um tecido precioso,

⁵ M. Spezzibottiani, op. cit., p. 3.

⁶ Cf. *Cultures et Foi*, Boletim do PCC, 2006, n.º 3, p. 213.

cuja trama é formada pelos princípios e pelos valores derivados do Evangelho, enquanto as culturas nacionais souberam tecer uma imensa variedade de perspectivas que manifestam as capacidades religiosas, intelectuais, técnicas, científicas e artísticas do *Homo europeus*. Neste sentido, podemos afirmar que a Europa teve e ainda tem um influxo cultural sobre o conjunto do género humano, e não pode deixar de se sentir particularmente responsável não apenas pelo seu futuro, mas também pelo futuro da humanidade inteira.»⁷

5. Este quadro cultural, sedimentado na visão cristã do homem e da sociedade, leva a Igreja a afirmar que há uma matriz cristã da cultura europeia e que a Europa só terá futuro se não se afastar deste quadro cultural, de base antropológica e com uma forte incidência ética.

A Igreja tem consciência da mutação cultural que se verifica na Europa há séculos e que se acentua nos últimos tempos. A Igreja não reivindica a exclusividade da inspiração cultural da Europa, mas não pode deixar de reconhecer e promover a componente cristã na identidade cultural da Europa. Esta atitude é clara nos Padres Sinodais do 2.º Sínodo especial sobre a Europa: «Era patente a vontade de acolher o apelo dirigido pelo Espírito às Igrejas da Europa para se empenharem perante os novos desafios. Com um olhar cheio de amor, os participantes no encontro sinodal detiveram-se sem medo a observar a realidade actual do continente, ressaltando as suas luzes e sombras. Daí resultou claramente a noção de que a situação está marcada por graves incertezas a nível cultural, antropológico, ético e espiritual. Com igual nitidez, foi-se afirmando uma vontade crescente de entrar dentro desta situação para interpretá-la e ver as tarefas que esperam a Igreja: daí surgiram “orientações úteis para tornar cada vez mais visível o rosto de Cristo mediante um anúncio mais incisivo, corroborado por um coerente testemunho.”»⁸

Na busca de um novo rosto da Europa, é essencial salvaguardar esta identidade cultural de matriz cristã. A Exortação Apostólica, saída do Sínodo, afirma: «No processo de transformação em curso, a Europa é chamada antes de mais nada a reencontrar a sua verdadeira identidade. De facto, não obstante a

⁷ Bento XVI, in *Insegnamenti*, vol. IV, 2 (2008), p. 762.

⁸ João Paulo II, *Ecclesia in Europa*, n.º 3.

realidade intensivamente variegada de que se foi compondo, ela deve construir um modelo novo de unidade na diversidade, uma comunidade de nações reconciliadas, aberta aos outros continentes e envolvida no processo actual de globalização. Para dar novo impulso à sua história, a Europa deve “reconhecer e recuperar, com fidelidade criativa, aqueles valores fundamentais, adquiridos com o contributo determinante do cristianismo, que se podem compendiar na afirmação da dignidade transcendente da pessoa humana, do valor da razão, da liberdade, da democracia, do Estado de Direito e da distinção entre política e religião.”»⁹

As afirmações do Magistério são abundantes nesta linha. Bento XVI afirma: «Se quiser permanecer e tornar-se sempre mais terra de paz, a Europa não pode renegar o humanismo cristão sobre o qual se funda o respeito pela dignidade da pessoa humana».¹⁰ «É essencial que a edificação da casa comum europeia seja sempre baseada sobre a verdade do homem».¹¹ E aos episcopados da União Europeia (COMECE), afirma-o mais longamente: «De tudo isto sobressai com clareza o facto de que não se pode pensar em edificar uma autêntica “casa comum” europeia, descuidando a própria identidade dos povos deste nosso continente. Com efeito, trata-se mais de uma identidade histórica, cultural e moral, do que geográfica, económica ou política; uma identidade constituída por um conjunto de valores universais, que o Cristianismo contribuiu para forjar, adquirindo assim um papel não somente histórico, mas instituinte em relação à Europa. Tais valores, que constituem a alma do continente, devem permanecer na Europa do terceiro milénio como “fermento” de civilização. Efectivamente, sem eles como poderia o “velho” continente continuar a desempenhar a função de “fermento” para o mundo inteiro? Se, por ocasião do 50.º aniversário dos Tratados de Roma, os governos da União desejam ‘aproximar-se’ dos seus cidadãos, como poderiam excluir um elemento essencial da identidade europeia, como o Cristianismo, no qual uma vasta maioria deles ainda continua a identificar-se?»¹²

⁹ *Ibidem*, n.º 109.

¹⁰ Bento XVI, *Insegnamenti*, vol. IV, 1 (2008), p. 137.

¹¹ Bento XVI, *Insegnamenti*, vol. II, 2 (2006), p. 14.

¹² Bento XVI, *Insegnamenti*, vol. III, 1 (2007), p. 553.

A MISSÃO DA IGREJA E O FUTURO DA EUROPA

6. A Igreja não rejeita a mutação cultural e sabe que a sua missão tem de incidir na evangelização da cultura, participando lucidamente com a sua mensagem nesse processo de mutação cultural.

No que à Europa diz respeito, preocupa-a particularmente o processo de secularização e laicização da cultura e a importância quase exclusiva dada à economia e ao pragmatismo das nossas sociedades ocidentais. A Exortação Apostólica «Igreja na Europa» afirma claramente: «Na raiz da crise da esperança, está a tentativa de fazer prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo. Esta forma de pensar levou a considerar o homem como o centro absoluto da realidade, fazendo-o ocupar astuciosamente o lugar de Deus e esquecendo que não é o homem que cria Deus, mas é Deus que cria o homem. O ter esquecido Deus levou a abandonar o homem, pelo que não admira que, neste contexto, se tenha aberto amplo espaço ao livre desenvolvimento do niilismo no campo filosófico, do relativismo no campo gnoseológico e moral, do pragmatismo e também do hedonismo cínico na configuração da vida quotidiana. A cultura europeia dá a impressão de uma “apostasia silenciosa” por parte do homem saciado, que vive como se Deus não existisse. Neste horizonte, ganham corpo as tentativas, verificadas ainda recentemente, de apresentar a cultura europeia prescindindo do contributo do cristianismo que marcou o seu desenvolvimento histórico e a sua difusão universal. Estamos perante o aparecimento duma nova cultura, influenciada em larga escala pelos *mass-media*, com características e conteúdos frequentemente contrários ao Evangelho e à dignidade da pessoa humana. Também faz parte de tal cultura um agnosticismo religioso cada vez mais generalizado, conexo com um relativismo moral e jurídico mais profundo, que tem as suas raízes na crise da verdade do homem como fundamento dos direitos inalienáveis de cada um»¹³.

E ao novo Embaixador da Bulgária, na apresentação de credenciais, disse Bento XVI: «O seu País, Senhor Embaixador, prepara-se hoje para aderir à União Europeia. Devido à sua história e cultura, o povo búlgaro, que continua a fazer frutificar a sua herança cristã, está convidado a desempenhar um papel

¹³ João Paulo II, *Ecclesia in Europa*, n.º 9.

importante a fim de contribuir para dar ao nosso continente um impulso espiritual que com frequência lhe falta. Penso sobretudo na situação da juventude dos nossos países, que testemunham de boa vontade as suas nobres aspirações por ocasião de grandes encontros com as Jornadas Mundiais da Juventude. Mas os jovens dificilmente encontram o seu lugar nas nossas sociedades tão exclusivamente centradas no consumo de bens materiais e na busca por vezes individualista do bem-estar, quando eles têm necessidade dos valores espirituais e morais, para edificar a sua personalidade e para se prepararem para participar na construção da sociedade. O seu País saberá contribuir com a sua pedra original para a edificação comum, para que não seja unicamente um grande mercado de intercâmbios de bens materiais sempre mais abundantes, mas para que tenha também uma alma, uma verdadeira dimensão espiritual, que reflecta a herança de tantos testemunhos do passado e seja um terreno gerador de vida e de criatividade, para suscitar o homem europeu de amanhã. Também, as jovens gerações poderão ter confiança no futuro e comprometer-se sem receio em projectos a longo prazo, dando origem a novas famílias, solidamente edificadas no matrimónio abertas ao acolhimento dos filhos, aprendendo a pôr-se ao serviço do bem comum da sociedade, mediante a actividade política, económica e social, tendo também a preocupação pela solidariedade com os mais desfavorecidos e pelos migrantes que provêm de outros horizontes para procurar um refúgio ou uma nova oportunidade»¹⁴.

Na mensagem enviada ao Encontro Europeu de Viena, Bento XVI aponta o caminho desta contribuição da Igreja na construção da nova Europa, ao intitulá-la «O empenhamento dos cristãos no âmbito da vida pública na Europa»¹⁵. E aos Episcopados da COMECE explicita: «Queridos amigos, sei como é difícil para os cristãos defender denodadamente esta verdade acerca do homem! Porém, não vos canseis e não desanimeis! Vós sabeis que tendes a tarefa de contribuir para edificar, com a ajuda de Deus, uma nova Europa, realista mas não cínica, rica de ideais e livre de ilusões ingénuas, inspirada na verdade perene e vivificadora do Evangelho. Por isso, permaneci presentes, de modo concreto, no debate público a nível europeu, conscientes de que ele já faz parte

¹⁴ Bento XVI, *Insegnamenti*, vol. II, 1 (206), pp. 585-586.

¹⁵ *Ibidem*, p. 530.

integrante do nacional, e acompanhai este empenho com uma acção cultural eficaz. Não cedais à lógica do poder como finalidade de si próprio! Que vos sirva de estímulo e apoio constantes esta admoestação de Cristo: se o sal perder o seu sabor, não servirá senão para ser lançado fora e pisado (cf. Mt 5, 13). O Senhor torne fecundos todos os vossos esforços e vos ajude a reconhecer e a valorizar os elementos positivos presentes na civilização contemporânea, denunciando, porém, intrepidamente, tudo aquilo que é contrário à dignidade do homem. Estou certo de que Deus não deixará de abençoar o esforço generoso de quantos, com espírito de serviço trabalham em vista de construir uma casa comum europeia, onde todas as contribuições culturais, sociais e políticas visem o bem comum. A vós, já comprometidos de várias maneiras neste importante empreendimento humano e evangélico, manifesto o meu apoio e dirijo o meu mais sentido encorajamento»¹⁶.

NA SUA ACCÇÃO A IGREJA QUER SER PORTADORA DE UMA MENSAGEM DE ESPERANÇA

7. O Segundo Sínodo dos Bispos sobre a Europa teve como tema central o suscitar a esperança, para as Igrejas da Europa e para todo o continente, sensível «à necessidade cada vez mais sentida da esperança, que torne possível dar sentido à vida e à história e caminhar de mãos dadas»¹⁷. A Igreja sabe que o fundamento da esperança é Jesus Cristo. O Jubileu do Ano 2000, «propôs-nos, de novo, o Senhor Jesus como o fundamento único indefectível da verdadeira esperança»¹⁸.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 6 DE MAIO DE 2010)

¹⁶ Bento XVI, *Insegnamenti*, vol. III, 1 (2007), pp. 554-555.

¹⁷ João Paulo II, *Ecclesia in Europa*, n.º 4.

¹⁸ *Ibidem*, n.º 1.